

## Por Santo Agostinho

### - O Problema:

Como conciliar a eternidade de Deus com a finitude temporal do mundo?

Se Deus é eterno, não é lógico que o mundo também o seja?

Senão, o que fazia Deus antes de criar o mundo?

É imaginável um Deus inativo?

### - A Tese:

Essas perguntas formuladas pelos filósofos pagãos eram menos capciosas do que parecem, porque implicavam uma elucidação da noção de criação, criticada pelos Neoplatônicos.

Se Deus criou o mundo no tempo, torna-se mais difícil pensar de modo adequado a perfeição divina, que teria de ser decomposta em precisas fases temporais, em um antes e um depois da própria criação. A resposta de Agostinho é precisa: Deus, eterno, está fora do tempo, Criando o mundo, criou também o tempo; sem a sua criação, o tempo não teria jamais existido.

**Antes de criar o mundo, Deus nada fazia. Efetivamente se tivesse feito alguma coisa, teria criado o mundo.**

Eis a minha resposta a quem pergunta o que fazia Deus antes de criar o céu e a terra. Não faço como aquele que, pelo que se conta, esquivando-se jocosamente e com astúcia da dificuldade da questão, disse: Deus preparava o inferno para aqueles que querem indagar coisas demasiado profundas.

Uma coisa é entender, outra, brincar. Eu afirmo que tu, ó nosso Deus, és o criador de toda criatura, eu ousa afirmar que, antes de criar o céu e a terra,

Deus nada fazia. Se, de fato, fizesse alguma coisa, o que poderia ser senão uma criatura?

### **Unir as noções de Deus e de tempo leva a contradições insolúveis.**

Como seria possível, efetivamente, que transcorressem séculos e séculos, se tu não os havia criado, tu que és o autor de todos os séculos? Poderiam acaso existir tempos não criados por ti? Ou poderiam transcorrer, se jamais haviam existido? Sendo tu o criador de todos os tempos, se existiu um tempo anterior à criação do céu e da terra, como se pode afirmar que não fazias coisa alguma?

### **Tempo e criação coincidem, são a mesma coisa.**

Terias criado o próprio tempo, e nem os tempos poderiam passar antes que tu os criasses. E se o tempo não é precedente a o céu e a terra, por que se pergunta o que fazias então? Não existia o então, se não existia o tempo. Tampouco precedes os tempos no tempo, ou não precederias todos os tempos.

### **Deus vive em uma dimensão diferente: a eternidade.**

Tu, porem, precedes toda passagem com a grandeza da onipotente eternidade e transcendes todo futuro justamente por que é futuro, e o futuro, uma vez chegado, se tornará passado; tu, ao contrário, és sempre o mesmo e os teus anos jamais se dissiparão. Os teus anos não vão nem vêm; os nossos, ao contrário, vão e vêm para que todos possam vir. E os teus anos estão todos parados em um ponto, porque estáveis; e aqueles que vão tampouco têm no seu enalço aqueles que vêm, por que não passam. Os nossos, ao contrário, serão todos quando todos não forem mais. Os teus anos são um só dia, e o teu dia não é cada dia, mas hoje, porque o teu hoje não cede ao amanhã e não sucede ao ontem. O teu hoje é a eternidade.

## **Eternidade e tempo são incomensuráveis.**

Por isso, geraste coeterno a ti aquele ao qual dizias: Hoje eu gerei-te. Fizeste todos os tempos e tu és antes de todos os tempos, nem houve algum tempo sem tempo. Em tempo algum, portanto, tu não fazias, posto que, justamente, tu criaste o tempo; e nenhum tempo é coeterno a ti, porque tu permaneces e o tempo, se permanecesse, não seria mais tempo.

### ***Usamos a noção de tempo sem saber defini-la.***

*O que é, efetivamente, o tempo? Quem poderá explicá-lo breve e facilmente? Quem poderá alcançar tal noção, com o pensamento, a ponto de dizer sobre ele uma palavra exata? E, no entanto, em nossos discursos, que idéia damos como mais conhecida e familiar que a de tempo? E, quando falamos a seu respeito, a entendemos, assim como a entendemos quando dela ouvimos falar. O que é, portanto, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; se quero explicá-lo a quem me pergunta, não sei.*

### **Somente o presente parece existir...**

*Todavia, com segurança afirmo saber que, se nada passasse, não haveria o passado; se nada acontecesse, não haveria o futuro; se nada fosse, não existiria o presente.*

***...mesmo se o existir do presente revela-se com um “não ser” (passar desaparecer).***

*Mas, então, como existem esses dois tempos, o passado e o futuro, se o passado não é mais e o futuro ainda não é? Quanto ao presente, se fosse sempre presente e não transcorresse no passado, não seria mais tempo, e sim eternidade. Se, portanto, o presente, para fazer parte do tempo, deve existir e transcorrer no passado, como podemos dizer que é, se sua razão de ser é o cessar de ser, uma vez que só podemos dizer que verdadeiramente o tempo é porque tende para o não ser?*

### **Somente passado e futuro possuem um comprimento.**

*E, todavia, falamos de tempo longo e tempo curto, e somente em relação ao passado e ao futuro. Chamamos longo o passado que teve início, por exemplo, 100 anos atrás, e, do mesmo modo, longo o futuro que tem como prazo 100 anos a partir de hoje; breve o passado de dez dias atrás; breve o futuro daqui a dez dias. Mas de que modo pode ser longo ou breve o que não existe?*

### **Como pode ser longo o que não existe mais ou que ainda não existe?**

*O passado já não é mais; o futuro ainda não é. Não dizemos, portanto, do passado: é longo; mas: foi longo; e do futuro: será longo. Meu senhor, minha luz, assim não estaria a realidade zombando do homem? Aquele passado efetivamente foi longo quanto? Foi longo quando era passado ou ainda era presente? Tinha realmente a possibilidade de ser longo somente quando existia aquilo que podia ser longo. O passado já não era mais; por isso, tampouco tinha a possibilidade de ser longo o que não existia. Assim, não dizemos: foi longo aquele tempo passado; também não encontraremos mais aquilo que foi longo; porque o tempo, enquanto passado não existe mais...*

### **O tempo pode ser medido somente no presente.**

*Contudo, ó Senhor, distinguimos os intervalos de tempo, confrontamo-los e avaliamos, alguns mais longos, outros mais breves, medimos quanto aquele tempo é mais longo ou mais breve do que este e respondemos que este é o dobro ou triplo, aquele, a metade ou igual. Porém, nós medimos o tempo no instante em que passa e medimo-lo percebendo-o. Mas o passado que não é mais ou o futuro que ainda não é, quem pode medi-los, a menos que se ousasse afirmar que é possível medir o que não existe? O tempo, portanto, no instante em que passa, pode ser percebido e medido; mas, quando já passou, isso não é mais possível, porque não é mais...*

**Mas existem provas (a memória e a profecia) de que também o passado e o futuro devem existir.**

*Quem pensaria em dizer que não existem três tempos, como aprendemos desde crianças e como ensinamos a elas – ou seja, o passado, o presente e o futuro -, mas que existe somente o tempo presente, e os outros dois não? Ou existem estes também, mas quando o tempo de futuro se torna presente procede do mistério e ao mistério retorna quanto de presente se torna passado? Onde efetivamente os profetas viram o futuro, se o futuro ainda não existia? Realmente não se pode ver o que não é. E também aqueles que contam o passado não diriam a verdade se não o vissem na sua mente; posto que, se não existisse, não o poderiam ver. Também o futuro e o passado, portanto, existem...*

**O Passado só existe no presente como memória.**

*Se o futuro e o passado existem, quero saber onde estão. E se não chego a tanto, sei, todavia, com certeza, que, onde quer que estejam ali não são nem futuro nem passado, mas presente; posto que ali também, se existe o futuro, ainda não é, se existe o passado, não é mais. De fato, quando se contam acontecimentos passados verdadeiramente ocorridos, extraem-se da memória não os próprios acontecimentos, que são o passado, mas os conceitos sugeridos pelas suas imagens, gravadas como rastro na alma, depois de passar pelos sentidos. A minha infância, que já não mais existe, pertence ao passado, que não existe mais. Porém, ao revocar e narrar a sua imagem, é no presente que a vejo, posto que ainda está na minha memória.*

**E o futuro também só existe no presente como antecipação.**

*E o futuro também só existe no presente como antecipação.*

*Se a causa pela qual se prediz o futuro é análoga, de modo que se prevejam as imagens de coisas ainda não existentes, confesso, ó meu Deus, não saber. Mas sei certamente que nós, habitualmente, premeditamos as nossas ações futuras e que, enquanto a nossa premeditação está presente, a ação premeditada ainda não está, posto*

que futura. Quando, depois, começarmos a fazer o que premeditamos, então aquela ação não será mais futura, mas presente. De qualquer maneira que se realize essa misteriosa determinação do futuro, é certo que só é possível ver o que está presente. O que é não o futuro, mas o presente.

### **A predição do futuro, a profecia, baseia-se na interpretação dos sinais presentes.**

Logo, quando se diz ver as horas futuras, não é que elas sejam vistas, posto que ainda não existem, sendo futuras; mas vêem-se as suas causas ou, talvez, alguns sinais que já existem e que, portanto, não são futuro, mas presente para aquele que já os vê e a partir deles concebe e prediz as coisas futuras. Essa concepção, por sua vez, já existe, e aqueles que predizem o futuro já a intuem dentro de si.

### **Um exemplo de predição humana: amanhã o sol nascerá.**

Tomo como exemplo um entre muitos. Vejo a aurora; preannuncio o nascer do Sol. O que vejo está no presente; o que preannuncio é o futuro. Não é futuro o Sol, que já existe, mas o seu nascer, que ainda não ocorreu. E mesmo o seu nascer, se não fosse imaginado no meu espírito, como agora que estou a falar, não poderia preannunciá-lo. Nem o nascer do Sol e a aurora que entrevejo no céu, se bem que o precede, nem aquela a imagem que tenho no meu espírito. Distingo os dois fatos como presentes, para poder preannunciar o futuro nascer do Sol. Logo, o futuro não existe ainda, não é; e, se não é, não pode absolutamente ter visto; pode-se, porem, prevê-lo com base no presente que já existe e se vê.

### **A predição divina pode seguir outros e imperscrutáveis caminhos.**

E tu, ó Rei da tua criação, de que maneira revelas o futuro às tuas almas? Tu o revelastes aos teus profetas. De que maneira tu mostras o futuro, tu, para quem nada é futuro? O que não é de fato não se pode ensinar. Muito distante disso está a minha inteligência ; porque me ultrapassa, não alcanço: poderei somente com a tua ajuda, quando a concederes, ó doce luz dos meus olhos interiores.

**A solução agostiniana: toda percepção humana se enraíza na experiência presente.**

*Nem o futuro nem o presente existem; isso agora está muito claro. Nem se pode dizer propriamente que os tempos são três: passado, presente e futuro. Talvez fosse melhor dizer que os tempos são: o presente do passado; o presente do presente; o presente do futuro. E estes estão na alma: não os vejo alhures. O presente do passado é a memória, o presente do presente é a percepção, o presente do futuro é a expectativa.*

## Criação

*Se bem que o primeiro livro do Antigo Testamento, o Gênesis, conte com riqueza de detalhes como Deus criou o mundo, somente com Santo Agostinho o pensamento cristão tentou uma definição filosoficamente adequada do conceito e enfrentou as delicadas conseqüências que ele implica. Duas questões estão no centro da reflexão teológica: 1) a criação deve ser entendida a partir do nada, ou então, como supunham os antigos filósofos gregos, é preciso aceitar o princípio lógico de que nada nasce de nada e admitir, portanto, que Deus se tenha limitado a dar forma a uma matéria preexistente e eterna?;2) Se Deus criou o mundo por meio de um ato de liberdade, como pôde permitir a existência do mal? Este é o problema da responsabilidade de Deus em relação a sua criatura, problema que Plotino e os neoplatônicos pretendiam resolver com a hipótese de que o nascimento do mundo ocorreu não por um ato da voluntária decisão de Deus, mas por meio de um processo automático e não responsabilidade de emanção.*